

“LAMPIÃO”, A INDOMÁVEL FERA DO SERTÃO

José Romero Araújo CARDOSO

Nada se compara ao drama que assolou o sertão nordestino através das ações dos bandos de cangaceiros liderados pelo gênio guerrilheiro de Lampião, que, durante mais de vinte anos, semeou a morte e o terror por onde passava. Somente as secas possuem um poder de destruição comparável à torpeza dos gestos ignominiosos praticados por ele e seus cabras.

Há algum tempo, um estudioso de nossa cultura popular, W. Solha, escreveu interessante artigo em que a apologia ao rei do cangaço perfilou linhas do seu texto, intitulado “Se Cristo foi a luz do mundo, Virgulino foi o Lampião”. Lampião não possuía comportamento “revolucionário” e contestatório, com nuances de uma consciência de classes, que lhe atribuem os novos Historiadores, que tentam, através da persuasão retórica, fazer acreditar que suas ações eram em pró de uma causa justa, esquecendo quase por completo as atrocidades sem contas que ele cometeu em sua vida atribulada.

Outro erro crasso, que a História há de corrigir, refere-se aos apelos feitos em pró de uma consciência racial que esse cangaceiro não possuía. Há pouco, um amigo de Natal me enviou alguns artigos e um folheto sobre a “Semana do Cangaço”, comemorada na capital potiguar, onde se afirmou em letras garrafais que Lampião lutava por um objetivo democrático, não “alisando brancos” e tratando seus irmãos mestiços e negros com “harmonia”. Se isso tivesse ocorrido, como é que ele ia ter onde se homiziar e se abastecer, se eram os “brancos” que o sustentavam com todos os recursos que à época lhes asseguravam? Se examinarmos alguns capítulos da História do cangaceirismo no Nordeste, sob o domínio de Lampião, veremos que ele tem à sua disposição uma verdadeira máquina privada de subsídio ao crime e ao banditismo, tendo destaque, entre esses esquemas, a verdadeira rede de valhacoutos que se formaram no eixo Bahia-Ceará, tendo em Pernambuco um centro avançado nos subterfúgios do poder político que assitia Lampião em seus propósitos desenfreados de ganhar a vida a custa das

vidas de outros seres humanos. O coiteiro foi uma figura chave no “sucesso” do cangaço a ponto de antigos combatentes das hostes lampiônicas não ousarem declinar os nomes dos que contribuíam para o ocaso de um povo forte que se deturpava em uma luta sem quartel. Dadá, a famosa guerrilheira-esposa do mais famigerado chefe de subgrupo e lugar-tenente de Lampião, que atendia pela alcunha de “Corisco” ou o diabo loiro, foi pressionada à exaustão por pesquisadores do assunto e nunca falou quem eram as famílias que os abasteciam e negociavam com os cangaceiros, embora se saiba que Lampião contava com o beneplácito do capitão-médico Eronildes de Carvalho, filho do poderoso Antônio Caixeiro, homem forte do município de Garuru e das ribeiras do São Francisco sergipano.

No nordeste inteiro, Lampião só não contava com protetores no Maranhão e no Piauí, onde nunca pisou os pés, mas, nos outros Estados sua influência perante os que faziam a oligarquia dominante era bastante destacada, principalmente no Ceará, onde seus coiteiros eram fortes e politicamente decidiram eleições. No cariri Cearense havia uma verdadeira rede de coiteiros em cada município, sendo que foi de Missão Velha e Auroque que partiu a idéia de se assaltar Mossoró, tendo Lampião consumado o seu ato tresloucado a 13 de junho de 1927, ocasionando a perda da invencibilidade do cangaceiro, pois a resistência de Mossoró assombrou àquelas feras humanas, tendo ainda assombrado com muito mais rigor o homem que planejou a investida de Lampião à segunda cidade Potiguar: “Coronel”, Isafas Arruda, considerado um dos mais dedicados protetores de cangaceiros e pistoleiros em todos os tempos, fazendo uma espécie de triângulo da impunidade e proteção a bandidos com Antônio de Piçarra, de Brejo Santo e Chico Chicote, da fazenda Guaribas, também da mesma cidade cearense.

A personalidade enigmática de Virgulino Ferreira da Silva ainda está para ser minuciosamente analisada, pois os atos repugnantes cometidos no período que assumiu a liderança do cangaço após a saída de Sinhô Pereira e Luiz Pader para Goiás, só encontram uma vaga sombra através das ações do terrível Cabeleira, (que foi romanceado por Franklin Távora).

Segundo o ex-diretor do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e profundo conhecedor do tema cangaço, Dr. Estácio de Lima, o cangaceiro Lampião seria bandido até em um convento, pois sua personalidade estava adulterada desde o nascimento. Isso é discutível, pois o Dr. Estácio Lima era profundamente influenciado por idéias em voga na época, como as teorias lombrosianas e a “propensão natural” ao banditismo, que, segundo os

defensores dessa corrente, os homens vêm com uma tendência genética ao mundo, irrefreavelmente condicionados pela mistura étnica de “raças inferiores”.

Lampião era produto de três raças, assim como a maioria dos sertanejos, mas há fatores importantíssimos a se discutir que foram desprezados pelos estudiosos do fenômeno do cangaço. A mistura racial não condiciona em hipótese alguma o banditismo. O condicionante reside na forma anacrônica e injusta que a sociedade nordestina se configurou e se manteve quase inalterada durante séculos, tendo se intensificado os problemas após a “abolição” da escravatura, e a não permissão da classe dominante, através da lei de terras, aprovada em 1852, do acesso à terra aos que nela pretendiam cultivar. Isso foi uma causa importante para o sucesso do cangaço no nordeste e a Virgulino só coube a tarefa de conduzir em seus propósitos àquela massa de manobra que nem sabiam porque matavam e com que objetivo suas energias eram canalizadas em uma luta sem tréguas pelos adustos caminhos das caatingas do sertão.

Quando a fatídica madrugada do dia 28 de julho de 1930 atingiu, irremediavelmente, o cangaço, o seu chefe, sua companheira de jornadas ininterrupta durante oito longos anos e mais nove companheiros de batalhas titânicas, era o burguês bem sucedido e rico que jazia sob os escombros do seu acampamento rústico e bem instalado sob o alto da colina de Angicos, em Sergipe.

Requintou-se a um ponto tal, que não dispensava, durante as reuniões com os camaradas de cangaço do seu estado-maior, o whiskey “White Horse”, o perfume “Fleur d’amour” e o conhaque “Macieira”, que, se tornaram símbolo do seu “sucesso” na “arte” de matar e pilhar. As balas da volante do então tenente João Bezerra, da força pública alagoana, apenas colocaram um ponto final no leão manso que era aquele chefe de guerrilhas cangaceiras, se comparado aos velhos “tempos de glória”, quando era considerado o “governador do sertão” e chegou a propor ao governador de Pernambuco a partilha do Estado, ficando ele com a administração da porção deste, após Arcoverde.

Lampião foi produto de uma época de injustiças e violências constantes, sua luta foi inglória porque ele não soube, e nem lhe interessava, canalizar seu potencial a fim de se construir algo que pudesse colocá-lo no panteão da história das lutas de um povo subjugado e massacrado pelas intempéries e pelo poder econômico desde tempos imemoráveis da nossa formação sócio-econômica.